



## **Estudo da cultura indígena para a montagem de Catálogo (Peça Publicitária) do Artesanato Hodierno dos Tapebas (de Caucaia/CE).<sup>1</sup>**

Helosa Maria de C. ARAUJO<sup>2</sup>

Jari VIEIRA<sup>3</sup>

Univerdade de Fortaleza – UNIFOR, Fortaleza - CE

### **Resumo**

Este trabalho foi dedicado ao estudo da cultura material dos índios Tapebas, mostrando através da produção de um ensaio fotográfico a construção da atual produção dos seus artesanatos. Através de pesquisa bibliográfica e exploratória, entrevistas com a índia Margarida Tapeba. Os principais objetivos foram aprofundar-me na cultura dos índios Tapebas em geral, conceituar fotografia documental e desenvolver um catálogo a partir do documento fotográfico de seus adornos. No segundo tópico passamos por uma breve história da atual cultura dos índios e a sua adaptação a modernidade. No terceiro tópico, entendemos o que seria imagem fotográfica, fotografia documental e as suas associações a realidade. No quarto tópico vamos entender como se deu a construção deste ensaio fotográfico, e a produção do catálogo. Apesar da dificuldade com as mudanças climáticas repentinas, consegui desenvolver um bom material para quem pretende estudar melhor a cultura dos índios Tapebas, fotografia, ou simplesmente adquirir seus artesanatos.

### **Palavras chave:**

Ensaio Fotográfico; Fotografia Documental; Cultura dos índios Tapebas; Catálogo Fotográfico.

### **I – Introdução.**

As identidades indígenas hoje, depois de acontecimentos históricos marcantes da relação entre nações (Brasil e as nações indígenas), sofreram muitas mudanças. Os avanços tecnológicos comunicacionais como internet, computadores, celulares, máquinas fotográficas digitais, equipamentos de vídeos, mp3 *player* e a inclusão digital

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Recém Graduada do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR e Estudante da Pós graduação do Curso de Especialização em Moda e Comunicação da mesma, email: helosaraujo@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho, Professor do curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email: jari@unifor.br



trouxe às sociedades e comunidades contemporâneas profundas transformações culturais e até estéticas. Em todas as comunidades culturais, inclusive as indígenas.

Mas toda comunidade de cultura tradicional, que ainda mantêm fortes relações de “tribo” e/ou comunidades, procuram, de alguma forma, difundir, fortalecer, e resgatar os seus valores, seus rituais, sua língua específica, seu imaginário, seus bens simbólicos (como diz Bourdieu), sejam eles, os bens materiais ou imateriais culturais como os costumes, músicas, ritos, mitos, comidas, vestimentas, e etc. Uma das formas desta “resistência cultural” é a contínua produção de bens culturais materiais como seus Adornos (bijuterias e enfeites), que apesar da sua desmistificação ritualística, não deixam de ser um traço de sua realidade hoje.

Os índios Tapebas, situados no município de Caucaia/CE, como toda comunidade indígena, busca resistir através da difusão de sua cultura, a ainda, a difusão dos bens simbólicos também fortalecer a sua economia interna, como por exemplo, o seu artesanato.

Desta feita, pensamos em colaborar e apoiar esta ação de difusão da cultura indígena local cearense, desenvolvendo um ensaio fotográfico sobre a produção artesanal dos Tapebas para realização de um Catálogo. Uma peça comunicativa e informacional que a tribo poderá tanto usar com fins educacionais como fins comerciais e reforço à venda da sua produção artesanal – focando a produção dos Adornos. Nada melhor do que a ferramenta da fotografia para resgatar, ou paralisar um determinado espaço/tempo de uma fração de sua atual realidade em torno dessa produção de Adornos.

## **II – História de Cultura dos índios Tapebas.**

De acordo com o IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), apesar do estado do Ceará ter uma origem fortemente vinculada aos povos indígenas, onde seu próprio nome tem origem da língua tupi (significa um tipo de papagaio - “canto da jangada”), a população indígena remanescente só foi considerada e legalizada a partir da década de 80 quando a Equipe de Assessoria às Comunidades Rurais (que hoje é a chamada Equipe de apoio à questão indígena) passou a atuar no município de Caucaia - CE, junto à comunidade dos Tapebas. Até então, o Ceará, assim como o Piauí e Rio Grande do Norte, fora considerado pela FUNAI<sup>4</sup> um dos poucos estados brasileiro que não havia mais povos indígenas.

---

<sup>4</sup> Fundação Nacional do Índio.



Após o reconhecimento das tribos remanescentes, de acordo com dados da FUNAI de 2006, o Estado do Ceará tem uma população de 11.726 indígenas distribuídas pelos municípios de Poranga, Aquiraz, Crateús, Trairi, Itarema, Maracanaú, Pacatuba, Viçosa do Ceará e Caucaia. Calcula-se que 40% da população do Estado do Ceará que tem descendência indígena, é da etnia Tapeba<sup>5</sup>.

A coletividade que se situa no município de Caucaia a 20 km de Fortaleza é formada por 17 comunidades indígenas<sup>6</sup>. A história dessa tribo se originou desde 1603 com a chegada de Pero Coelho e a “invasão dos brancos” como conta o Professor Tapeba Ricardo Weibe: “Doentes por riquezas, esses brancos foram logo invadindo e se apossando dessas terras que eram ricas em recursos naturais”.

Com isso, houve muitas lutas, muitos índios foram torturados e mortos, durante muito tempo. Surgiu a legislação indígena, implantada com o diretório Pombalino, com o objetivo de fazer desaparecer a comunidade indígena, proibindo o uso de suas línguas, impondo casamentos mistos para diluir a população indígena local. Em 1863 o Presidente da Província decreta extinção da comunidade indígena no Ceará, decreto este que fora desmentido pela correspondência enviada ao Imperador, na época pelos chefes indígenas da época.

A partir do século XVIII, quando os índios assumiram suas terras no Ceará, muitos conflitos aconteceram. “Muitos de nossos parentes morreram. Mas na realidade, esses simples mortais morreram heróis porque tiveram força e coragem para lutar e derramar seu sangue pela terra” (Ricardo Weibe – professor Tapeba).

Para que não fossem completamente exterminados, os índios (representantes dos Potiguaras, Cariri e Tremembé) fugiram e ficaram vivendo na mata até encontrar uma lagoa, rodeada de vida e animais. Nessa lagoa havia uma “pedra chata”, por isso eles mesmos batizaram o lugar de “Tapeba” assim como sua nova tribo.

Com o passar do tempo, a lagoa foi perdendo a vida, os animais diminuindo, a “pedra chata” foi destruída (de acordo com o professor Tapeba, a pedra desapareceu misteriosamente), então os índios se fortificaram, e estão lutando para dar vida a terra chama “Tapeba”.

A morte de um dos líderes dos Tapebas conhecido como “Perna de Pau” (uma de suas pernas era de pau), em 1955, acelerou a desagregação do grupo, pois era ele quem lutava pela união da comunidade. Victor Teixeira de Matos que casou com a filha

---

<sup>5</sup> Fonte: FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

<sup>6</sup> A comunidade visitada por nós, para realização do ensaio documentário chama-se “Lagoa Dois”.



do “Perna de Pau” assumiu a liderança da tribo até seu falecimento em 3 de outubro de 1984 – data esta comemorada como o dia dos Tapebas. O Filho de Victor, Francisco Alves Teixeira, conhecido como Alberto, assumiu a liderança. Neto do “Perna de Pau”, Alberto é o cacique da aldeia até hoje, e conta com a colaboração e empenho da Professora Margarida (líder comunitária).

As atividades tradicionais econômicas dos Tapebas são as pescas no rio Ceará, no mangue e nas lagoas, e a comercialização de mudas de palmeiras ornamentais. A comunidade Tapebana, ainda hoje, não tem atividade específica de trabalho e produção de renda, como mão de obra informal, dependem das atividades sazonais agrícolas e são, em geral, mal remunerados. Alguns índios mendigam, outros vendem colares e outros coletam caranguejos e camarões no mangue. Sua principal economia vem da pesca, caça e do fabrico do carvão.

A comunidade tapebana vem fortalecendo sua produção artesanal, a partir de sementes naturais (leucena, giriquiti, timbauba, pau-brasil, mucunã, nescafé, gergelim brabo, mulungu, entre outras), produzindo colares, pulseiras e brincos e outros objetos utilitários e de adornos. É a partir de atividades como essa que os Tapebas vêm fortalecendo sua economia e sua cultura.

Essa produção simbólica, bem como as matérias primas estão intimamente interligados ao seu mundo mítico ritual, por isso, não podemos ver os objetos pelo que eles parecem ser como meramente adornos e acessórios de vestuário, seria condená-los ao esquecimento dos mitos ontológicos. Devemos enxergá-los também, pelo significado que produzem na sua relação com seu contexto cultural. Os objetos produzidos passam a ser rastros, pistas, sinais culturais inscritos nas histórias dos ancestrais tapebanos e de outras tribos e comunidades indígenas.

### **III – Da imagem fotográfica à fotografia Documental.**

As imagens tem hoje, papel muito importante em nossa sociedade ocidental. O estudo sobre a percepção visual atravessa os estudos filosóficos sobre como o homem entende o que é o mundo. Experiências e estudo sobre a percepção visual começam a ser feitas desde a antiguidade, por Euclides, em torno de 300 a.C., por Sócrates, Platão, Aristóteles, Leonardo da Vinci, Descartes e alguns outros físicos, literários e filósofos. No século XIX, surge a teoria da percepção visual com Helmholtz e Fechner (Jacques Aumont, 2000).



Do dicionário, imagem significa “representação de pessoa ou de coisa<sup>7</sup>”, Roland Barthes, em a retórica da imagem, afirma que “A sociedade de massa, dita sociedade das imagens, é ainda uma civilização da escrita”, ou seja, propondo que uma imagem ainda não tem a força de representação como a escrita para esta sociedade, pois as imagens ainda tem de ser acompanhada por legendas para seu entendimento, visto que uma imagem pode ser interpretada de maneiras diferentes por cada espectador, levando em conta que cada ser humano forma sua opinião a partir da construção de sua vivência.

De todo modo, não podemos deixar de ressaltar que a imagem não existe gratuitamente, toda imagem criada pelo homem, tem algum fim, seja ele a propaganda, informativo, religiosos, ideológicos, ou para memória e perenidade do ente amado. Para todos os fins, a imagem é destinada a sensibilizar seu espectador oferecendo-lhe emoções e experiências específicas.

A fotografia é um objeto informacional, uma importante ferramenta que tem o objetivo de comunicar algo idéias, sensações, informações e experiências. BARTHES em sua obra A Câmara Clara firma:

“Nesse deserto lúgubre, me surge, de repente, tal foto; ela me anima eu a animo. Portanto, é assim que devo nomear a atração que a faz existir: uma animação. A própria foto não é em nada animada (não acredito nas fotos “vivas”), mas ela me anima: é o que toda aventura produz”. (BARTHES, 1980)

Para Barthes a fotografia, ao contrário do desenho e do cinema, é uma mensagem sem código, porque a fotografia, salvo as montagens, não intervém no objeto, o que significa maior grau denotativo. Tornando-a assim, mais próxima do real. A imagem está ligada à raiz do imitar, é vista assim como uma representação da imagem, um cópia do real.

Historicamente falando, a fotografia surge a partir dos avanços da física e da química, mas começou a ter um papel fundamental na sociedade, a partir da revolução industrial, quando o documento fotográfico passou a ser essencial para o fortalecimento do comércio, funcionando como instrumento de publicidade e propaganda. Para a área da história e do jornalismo, a fotografia passa ser importante instrumento de documento, de testemunha, de prova do que realmente aconteceu – enquanto fato histórico social e cultural, assim surge uma imensa febre de produção fotográfica com o fim de documentar o cotidiano, as culturas, as etnias, a elite, o poder, os fatos importantes da

---

<sup>7</sup>

Webster.



história humana, a produção simbólica – entendido como o patrimônio histórico e cultural do homem – como as sete maravilhas do mundo. Tudo existiu ou existe precisa ser registrado pelas câmeras.

“O mundo tornou-se de certa forma familiar após o advento da fotografia, o homem passa a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica” (Boris Kossoy, 2003).

A fotografia, sendo considerada uma reprodução de uma realidade, passou a ser usada como uma ferramenta de pesquisa em diferentes campos da ciência. Que posteriormente, com o advento da indústria gráfica, essas coleções fotográficas passaram a ser reproduzidas em grandes quantidades. “O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu aos poucos, substituído por uma imagem fotográfica” (Boris Kossoy, 2003).

Algum tempo depois, quando a fotografia passa a ser propícia a possibilidade de criação artística, deixa de ser menos considerada como um registro do real, a partir do momento que eu posso manipular essa imagem, ela passa a ser o espelho do real. “As imagens não são uma extensão da realidade, mas pode vir a se tornar uma” (Etienne Samain, 2005).

Já Luiz Humberto (2000), em sua obra *Fotografia, a prática do banal*, afirma que a imagem fotográfica é um testemunho sobre a vida e seus fatos, que “são trechos de uma realidade suspensa no tempo, roubados da vida e devolvidas a ela com relações inesperadas”. Ele faz uma ligação da fotografia com a morte, onde a imagem nos faz recordar algo que já não existe mais, que já passou. O luto na fotografia que nos faz apenas recorrer à memória que ficou presa no papel fotográfico.

Para algumas pessoas, é fundamental, recorrer às fotografias quando querem contar suas experiências familiares, são até realizadas reuniões com os parentes para rever imagens, e acontecimentos que ficaram presos ao passado (e no papel), como uma forma de resgate. A fotografia ainda é utilizada como um comprovante de uma verdade, muito comum entre os “detetives particulares”.

A fotografia, em todo caso, é considerada um registro de acontecimentos do qual deseja ser realidade, embora Arlindo Machado (1998) afirme que a relação da fotografia como discurso visual com a tecnologia, os códigos da fotografia e as subjetividades do fotógrafo, são recentes em nossa sociedade, a grosso modo a fotografia não deixa de ser uma tentativa de representação de uma determinada realidade. Como também é



considerada uma nuvem de fantasias, a fotografia também pode ser considerada pela reprodução de um real imaginado.

Já na fotografia documental, as imagens se aproximam mais da realidade, porque essa é uma preocupação do fotógrafo. Marco Piovan (2007) em *Making of fotografia* explica que “o importante da fotografia documental é a essência, a história, a parte da vida que precisa ser mostrada um dia após o outro”. O autor precisa estar próximo da realidade a qual ele quer mostrar, para conseguir captar sua essência.

José de Sousa Martins em *Sociologia da Fotografia e da Imagem*, fala sobre o grande dilema entre fotografia documental e fotografia artística. Justamente porque a partir do momento que a foto foi manipulada, acaba por perder a veracidade do conteúdo pesquisado. É claro que uma fotografia documental, pode também ser considerado um documento artístico, desde que tudo o que seja documentado em suas fotografias não seja acompanhado de trucagens.

Percebemos então que a fotografia documental pode seguir diversos rumos e gerando diversas possibilidades de documentos, por conta do desenvolvimento de novas linhas estéticas fotográficas, até mesmo pela necessidade de gerar novos rumos criativos, e novas formas de expressão artísticas para documentar o mundo e suas realidades através da fotografia documental.

Do dicionário *Webster*<sup>8</sup> a palavra documental significa “o registro ou representação em forma artística de uma matéria real e determinante”. No livro “Curso de Fotografia e sua Essência” por Jorge Peter e Verônica Monteiro<sup>9</sup>, podemos observar que está claro que a união dessas duas palavras “artística” e “documental” contém a essência de uma boa fotografia documental. Onde “o sujeito e o conteúdo da fotografia são reais, porém a forma em que são representados é que é artística” (Jorge Peter, S/D).

#### **IV – Ensaio Fotográfico.**

Arlindo Machado, em artigo “Filme ensaio” denomina ensaio a certa modalidade de discurso científico ou filosófico, onde geralmente é apresentada na forma escrita, influenciado pela subjetividade do autor, uma determinada expressividade no conteúdo, e certa liberdade de pensamento, onde para Adorno (1984) como conta o Machado, o ensaio acaba sendo colocado assim para fora daquelas categorias (filosóficas, científicas) que se consideram objetivo, mas não podemos nos prender nessa linha, visto

---

<sup>8</sup>Dicionário *on line*. Da Definição do próprio *Webster*: (**Webster-site** (noun): *the ultimate online dictionary*).

<sup>9</sup>PETER, Jorge; MONTEIRO, Verônica. **Um curso de fotografia na sua Essência**: cadernos do mestre Peter.



que o ensaio é justamente quem quebra essa fronteira, porque a subjetividade acaba por invocar o saber, não existe a razão sem a sua essência subjetiva.

Ensaio fotográfico é um termo dado a um conjunto de fotografias das quais pertencem a um mesmo tema, através do qual, o autor pode expressar o seu olhar sobre o conteúdo pesquisado, podendo variar de poucas páginas a um livro bem maior e mais elaborado. Pode ser um trabalho publicado na *web*, ou em slides contendo ou não, sons. A fotografia ganha vários sentidos em cada uma dessas experiências. Contudo o termo é utilizado com mais frequência em catálogos de moda ou em conjunto de fotografias de uma só modelo, percebemos isso ao fazer uma breve pesquisa na ferramenta *Google*<sup>10</sup>, quando aparece uma variedade de resultados sobre ensaio e todos referente à moda.

Assim, fazer um ensaio fotográfico é estudar algo, por meio do olhar, é fotografar inúmeras vezes a mesma coisa, e conseguir, mostrar a essência do conteúdo estudado, através do conjunto dessas fotografias, ou conseguir responder perguntas através das imagens. Para Juca Martins, foto jornalista, “a busca pelos ensaios fotográficos é uma forma de tentar contar uma história, não mais com uma fotografia, mas com várias. Uma maneira da imagem se libertar do texto”.

Em alguns estudos teóricos da imagem da comunicação, a forma como utilizamos das técnicas para captar as imagens, a maneira como foi representada na imagem tal realidade, as formas como foram interpretadas por espectadores e até mesmo pela mídia, e a representação dos objetos ou dos modelos é o resultado da união dos procedimentos com a prática, em cima da teoria para o estudo da imagem. Onde um bom estudo teórico, e um bom uso da técnica acabam por prever um bom resultado em um ensaio fotográfico em geral.

## **V - A Produção do ensaio fotográfico:**

Para o desenvolvimento de um ensaio fotográfico, primeiramente deve-se estabelecer a linha fotográfica. Acabei por escolher a linha documental por ter um objetivo de mostrar a realidade da produção de adornos dos índios Tapebas, e a partir do conjunto dessas imagens, para tentar alcançar a essência dessa produção artesanal à alcançar um melhor resultado no catálogo. Tentarei unir, a fotografia documental com artística.

---

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=ensaio+fotogr%C3%A1fico&meta=>



Realizei as fotografias na própria tribo dos Tapebas, procurei me aproximar ao máximo da realidade da produção. Então, acabei por fazer no local onde o artesão João produz os adornos. Tive certa dificuldade com a locomoção até lá, o acesso estava cada vez pior por conta das chuvas.

Utilizei a iluminação natural (solar), não usei nenhum tipo de rebatedor, ou auxiliar parecido, gosto das fotografias levemente estouradas, e foi o que procurei fazer. Na primeira seção de fotos, agi muito por intuição mesmo, fui testando alguns ângulos, a Margarida sugeriu a palha da bananeira, que deu um resultado muito bom, continuei usando recursos naturais para fazer os fundos da composição da foto.

Nessa primeira tentativa, consegui chegar a um enquadramento legal, mas somente na segunda sessão de fotos que encontrei o que daria certo. Eu queria mostrar nas imagens, um pouco da natureza (a vista do artesão, de onde produz os adornos), as matérias-primas, e a união de tudo isso, assim usei uma diagonal que me deu certa liberdade de colocar tudo isso no enquadramento.

Na terceira sessão, depois de algumas proveitosas orientações, resolvi testar um novo plano de fundo, mas que fosse natural. Usei então a palha do tucum, o que também deu certo, mas não ia ser viável a sua utilização, porque nas épocas de chuvas frequentes o tucum fica inutilizável, serviu apenas para documentar a sua existência, o seu manuseio pelo artesão, por ser a matéria prima necessária para a construção dos tais adornos.

Já na quarta sessão, esperei alguns dias até fazer o sol necessário para a iluminação correta, e já fui sabendo a composição que ia fazer os planos que ia usar, o fundo que ia colocar, e fazer para valer.

Montei a cena, no mesmo local de sempre (debaixo do cajueiro<sup>11</sup>), preparei minha máquina, coloquei peça por peça e fiz três enquadramentos de cada peça. Com todas as visitas, foi um total de 522 fotografias.

## **V.I - Edição das imagens e criação do catálogo**

O primeiro passo para a produção do catálogo, foi selecionar as melhores fotografias. Separei as imagens por peça. Depois eu fiz um breve estudo de cores, dei uma olhada em alguns catálogos disponíveis na biblioteca, e defini o formato e *layout* do catálogo.

---

<sup>11</sup> Local onde o artesão produz as suas bijuterias.



O objetivo era montar um catálogo a partir das imagens fotográficas, assim, eu não queria nada muito rebuscado, enfeitado. A idéia era ter *layout* que fosse simples, mas criativo – e que priorizasse a informação das fotografias realizadas no ensaio documental. O resultado - o catálogo apresentado ao final deste artigo é o resultado de nossa tentativa. Contudo, é importante ressaltar que o centro de nosso projeto não é o catálogo, mas sim a produção de um ensaio fotográfico para produção de um catálogo, que poderá muito bem ser recriado por designer ou diretores de arte. Como não tínhamos nenhum parceiro junto a este projeto que fosse diretor de arte, nos sentimos obrigados a realizar nossa própria montagem.

Com a estrutura montada, distribuí as imagens, com uma peça por página. Achei que seria muito interessante falar das curiosidades de cada semente marcante de cada peça, e outras matérias primas como o tucum e o urucum – informações estas que foram coletadas durante nossa documentação fotográfica.

Somente depois de todo o catálogo estar pré-montado, é que realizamos o tratamento das imagens fotográficas. Resolvemos primeiro montar e finalizar a seleção das imagens, para não termos que tratar imagens que não iríamos utilizar – já que o tempo era curto.

Por conta das chuvas intensas no nosso estado, tivemos que adiar várias vezes as visitas de documentação fotográfica, pois a tribo fica situada em um sítio que inunda as estradas, ao chover.

Não sou muito a favor na manipulação de imagens, e nem a minha “escola” fotográfica permite, mas o retoque – tratamento da imagem que utilizamos foi apenas o de ajustar a densidade, luz, equalização tonal e ajuste de cor. Estes ajustes sempre são necessário quando vamos publicar nossas imagens em peças comunicacionais. Não entende-se como manipulação da imagem e sim como um processo de câmara escura – como realiza-se na ampliação no processo analógico. Ajuste de luz e cor.

A etapa mais difícil foi pensar na capa. Não queria que fosse nenhuma das fotografias das bijuterias porque iam falar demais, e não ia gerar aquele mistério, e curiosidade para ver o que havia dentro. Queria que fosse algo que desse apenas uma alusão do que seria.

Como em todas as imagens, eu uso a palha da bananeira como fundo das bijuterias, eu pensei então em fazer a capa apenas com a textura da palha da bananeira. Remete a natureza, índio, e gera curiosidade de olhar o que há no conteúdo do catálogo.



## **VI – Ferramental Utilizado.**

Para a realização de nosso trabalho utilizamos uma câmera digital NIKON D60 com uma lente zoom 18mm a 55mm os softwares de edição de fotografia – Adobe *Photoshop* e Utilitário Canon, bem como um software diagramador Adobe *InDesign* – para a montagem do catálogo.

## **VII – Considerações Finais.**

Com esse trabalho, percebemos que a cultura indígena é algo muito além do que podemos pesquisar, estudar, fotografar. Sua identidade vem sendo construída desde antes do descobrimento do Brasil, e desde então, vêm passando por muitas dificuldades sejam elas econômicas, políticas ou mesmo de respeito cultural.

A sua produção artesanal hoje, é somente uma amostra dessa resistência cultural, por isso, nos preocupamos tanto com o local onde fizemos as fotos. Era importante estarmos em cenário próprio deles, em seus habitat, mesmo que híbrido, pois trata-se de um grupo cultural que absorve a rápida transformação do mundo contemporâneo.

Algo que não podemos deixar de comentar, é a grande dificuldade que eles têm, para produção artesanal, a qual depende completamente da natureza climática e suas mudanças. Toda sua produção artesanal está limitada a produção agrícola de subsistência. Este fator dificultou a produção deste ensaio, pois eles não tinham matéria prima para fazer as coleções completas dos adornos e adereços – pois tudo que era de palha não podia ser feito, não tivemos uma semana sem chuva – e sem sol, a palha não secava.

Cada ida minha a comunidade tapebana, eu voltava com um novo interesse no aprofundamento no estudo da cultura indígena, e ideias, formas de serem documentadas fotograficamente. O que provavelmente poderia acontecer.

Espero ter atendido as expectativas da Tribo dos Tapebas, que desde o início tiveram grande expectativas, para ver o resultado deste ensaio e do catálogo. E que de algum modo, com esta peça comunicacional, possamos criar o restante da documentação da produção artesanal deles, e montar um catálogo mais completo – o qual poderemos ter um importante instrumento de informação cultural e mesmo comercial.

Apresento a seguir algumas imagens que fazem parte do ensaio documental, e *layout* do catálogo montado.



## VIII - Imagens e Layout do Catálogo.



### MUCUNÃ

Espécie de trepadeira com uma grande capacidade de sobrevivência, por ser muito leguminosa, aduba a terra, recupera o solo e permite a produção na mesma área, sendo assim um freio para as derrubadas e queimadas. O pó produzido através da vagem da Mucunã é utilizado no tratamento de Parkinson, aumento da libido, para o aumento da produção de espermatozoides, do hormônio do crescimento e da testosterona, melhora a rigidez, massa muscular e coordenação motora.



### O ARTESÃO JOÃO TAPEBA

João Tapeba (50) é o responsável pelos colares mostrados neste catálogo. O artesanato é a sua principal atividade econômica há mais de vinte anos. Para a produção desses enfeites, João desfia o TUCUM para produzir o cordão, colhe as sementes, faz os furinhos com a ajuda de uma furadeira e monta de acordo com a sua inspiração as bijuterias.



## REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 4ª Ed. São Paulo – SP: Papyrus Editora, 2000.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 7ª Ed. Rio de Janeiro - RJ: Nova Fronteira, 1980.
- BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica, A retórica da imagem: O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CESAR, Newton; PIOVAN, Marco. **Making of Fotografia: revelações sobre o dia-a-dia**. 1ª Ed. São Paulo -SP: Editoria Futura, 2003.
- HUMBERTO, Luiz. **Fotografia: a prática do banal**, 2000.
- SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. 2ª Ed. São Paulo – SP. Editora SENAC, 2005.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ª Ed. Revista. São Paulo -SP: Ateliê Editorial, S/D.
- MARTINS, José. **Sociologia da fotografia e da Imagem**. 1ª Ed. Editora Contexto.
- PETER, Jorge; MONTEIRO, Verônica. **Um curso de fotografia na sua Essência: cadernos do mestre Peter**. Mauad Editora, S/D.
- MACHADO, Arlindo. **Fotografia: visão do fotógrafo ou visão do real**. Editoria Itaú Cultural. 1998